

Há riscos de manipulação no voto aos 16 anos

GAZETA MERCANTIL

Maria Helena Barbosa
de Almeida Mauad (*)

Uma decisão de suma importância para a vida nacional está para ser tomada durante o segundo turno de votações na Assembleia Nacional Constituinte: a permissão para o exercício do voto aos 16 anos.

As pesquisas a respeito do ponto de vista dos jovens sobre a questão são inúmeras, e os resultados os mais diversos possíveis. No entanto, a maioria delas tem revelado um desinteresse generalizado desse segmento da sociedade quanto à política.

O jovem, hoje, está mais preocupado em estudar e em saber se terá, no futuro, condições de trabalhar, de sobreviver, com a tão ne-

cessária liberdade para ir e vir, empreender, produzir e colher os legítimos frutos de seu suor, dentro do mais puro regime democrático.

E ele tem razão! De nada adianta o compromisso de votar se a grande incógnita é viver e como viver. A dúvida maior é saber se haverá uma economia de mercado compatível com as necessidades individuais ou se o intervencionismo do Estado irá, por decreto, "empacotar" o futuro de toda a juventude, legando aos cidadãos o vazio mais absoluto, resultante da ausência de uma política econômica comprometida com a vida dos brasileiros.

Diante desse quadro, é preciso pensar. Por esse motivo é que, com muita preocupação, assistimos às decisões da Assembleia

Nacional Constituinte e nos preocupamos, particularmente, com os destinos do jovem diante da urna. Qual a verdadeira intenção que está por trás de tal decisão?

Nesse sentido, nossa reflexão e análise crítica nos fazem questionar: isso é realmente bom para o jovem e para o Brasil? Há no jovem responsabilidade para conduzir os destinos de seu país, através da escolha de seus representantes? Não estaria ele apto também para dirigir automóvel, casar, fazer serviço militar, etc.? Não implicará tal decisão que, aos 16 anos, também lhe deverá caber a responsabilidade civil e criminal? Não deveríamos deduzir que aquele que roubar deverá cumprir pena em nossas penitenciárias, bem como

aquele que matar, atropelar, traficar ou consumir drogas?

Será isso que os nossos constituintes pretendem? Interessa aos brasileiros fixar a maioria em 16 anos?

São muitas as perguntas, poucas as respostas. E nossa imaginação começa a trabalhar rapidamente, visto que os jovens eleitores formarão quase 40% do eleitorado brasileiro, o que resulta em uma massa de manobra, indução e manipulação por demais atraente para todos os partidos políticos, mesmo aqueles que, preocupados única e exclusivamente com cargos, eleições e mordomias, em nada estão comprometidos com a vida nacional e, muito menos, com a segurança e o desenvolvimento dos jovens.

2 * MAI 1988

E os oportunistas irão aparecer e "fazer a festa", a partir da generosidade, da sensibilidade e da emotividade próprias do jovem, que tem ainda, dentro de si, aquela boa fé, a credulidade e o caráter que a habitual convivência com a necrose de nosso sistema político já nos roubou há muito tempo.

Se, na opinião de nossos constituintes, o voto aos 16 anos realmente atende às necessidades da Nação, vale lembrar que será preciso educar para que possamos ter um universo de eleitores consciente do valor de seu voto e, conseqüentemente, um Brasil maior e melhor.

(*) Do Movimento das Mulheres pela Livre Iniciativa, de São Paulo.